

# SE7E

## MAIS DAVID LYNCH MAIS

ESTRADA DE FOGO



MIGUEL GRAÇA MOURA - ENTREVISTA  
OSCARs - APOSTAS E BASTIDORES  
DREAM WARRIORS - A GUERRILHA  
DO NOVO SOM  
O ROCK EM TEATRO - SAM SHEPARD  
E PATTI SMITH



### Valeu a pena esperar pelo Bondwell® *portátil*

**A melhor relação preço/performance.  
Apenas 3,5 Kg e 4 cm altura.**

- AT compatível
- CPU 80 286 - 16 Mhz
- Disco rígido de 40 Mb

- 1 Mb RAM
- Ecran retro-iluminado
- Saída RGB / Monitor
- 2 Portas RS 232
- Porta paralela
- Package de 2 baterias e carregador

**Alta tecnologia informática  
sempre consigo!**

UMA REPRESENTAÇÃO



Dep. Profissional: Av. Fontes Pereira de Melo, 35, 2.º  
Sede: Rua António Pedro, 76, 2.º  
LISBOA  
Tel. 352 05 46 - 56 37 45 - 54 62 22

Braga: Rua do Taxa, 48 — Tel. (053) 7 79 24  
Setúbal: Galerias Avenida Parque — Av. Luísa  
Todt, 277, loja 8 - 1.º piso



LAURA DERN

# a desejada

Diz que David Lynch

é o seu melhor amigo.

Diz que o mundo de Sailor

e Lula é real,

mas não realista. Depois

de acabado o

filme, também

ela se

considerava

«Wild At Heart»



**P**ara os 23 anos que tem, Laura Dern apresenta um «curriculum» verdadeiramente invejável. Trabalhou com Martin Scorsese («Alice Já Não Mora Aqui»), Arthur Hiller, Bogdanovitch («Máscara») e vai no segundo filme com David Lynch. De «Blue Velvet» a «Wild At Heart» assistimos a uma das mais espantosas metamorfoses dos últimos anos, facto que, sozinho, chega para se saber que há ali uma grande actriz. É afável e nervosa nos gestos, trocando muito as longuíssimas pernas enquanto fala. A veneração beata que devota a Lynch e o entusiasmo que verdadeiramente nutre pelo seu trabalho atropelam-lhe as palavras fazendo-a, encantadoramente, perder toda a compostura e desabafar em termos verdadeiramente wild at heart.

**David Lynch transporta sempre uma espécie de família de projecto para projecto. Esta é a segunda vez que trabalha com ele. Sente-se já parte do «gang»?**

Sim, o que é fantástico! Em «Wild At Heart» eu tive pela primeira vez a sensação de trabalhar em família. E David faz tanta questão de tornar tudo tão divertido e prazeroso; mesmo nas cenas mais dolorosas divertimo-nos como loucos! Especialmente no caso de «Blue Velvet», que era um filme tão escuro, tão pesado, ele alimentava constantemente a ideia de estarmos a fazer um «home movie», do género daqueles que se fazem ao fim-de-semana com e para a família. Entretanto, no espaço dos quase cinco anos que media entre «Blue Velvet» e «Wild...», tornámo-nos amigos muito próximos.

Há cerca de um ano David deu-me a ler o livro de Barry Gifford, «Wild At Heart», dizendo-me que as suas ideias iam ser muito diferentes das que ali estavam contidas, mas que Sailor e Lula ficariam intactos, e foi exactamente o que aconteceu. Para mim foi incrível porque Lula é tudo o que sempre sonhei como personagem...

**Porquê?**  
Primeiro, pelo sentimento sulista. Não nasci no Sul, mas tendo sido criada pela minha mãe e avó que são originárias de lá, toca-me muito essa sensibilidade latina que partilhámos e que, de algum modo, faz com que as pessoas do Sul da América gostem de portugueses, italianos, franceses, porque SENTEM tudo. Seja comer, fazer amor ou contemplar um bonito pôr de sol. As pessoas com que se sentem envolvidas nas coisas, autorizando-se a serem dramáticas nessa entrega ao mundo, no melhor sentido da palavra. Há muito menos repressão interior. Portanto, ter a oportunidade de ser isso num filme — o que eu sou um pouco na verdade — foi mesmo muito importante para mim.

**Há uma grande diferença entre a menina virginal que você interpretava em «Blue Velvet» e a sensualidade escaldante de Lula. Sempre foi assim e ninguém tinha reparado, ou foi Lynch que inven-**

**tou essa faceta?**  
Oh, foi ele! A grande sorte que eu tive foi David já me conhecer e conseguir puxar esse lado erótico que nunca ninguém tinha visto em mim, e isso foi maravilhoso. Até porque, antes deste filme sempre me senti mal com o meu corpo...

**??!!**  
Sim, sim, era muito magra e sem formas e todos me diziam. Não gostava nem tinha confiança no meu físico. De modo que, muito por este aspecto, posso dizer que este papel mudou muito a minha pessoa.

**Como é a relação da actriz Laura Dern e do realizador David Lynch durante a rodagem?**

É algo de indescrevível. Durante a rodagem de «Wild At Heart» David transformou-se de um dos meus melhores amigos no meu melhor amigo. Atingimos um estágio tal de compreensão mútua entre realizador e actriz — não só pela amizade que nos liga como pelo facto de já termos trabalhado anteriormente — que chegámos ao ponto de ele reduzir uma frase a uma palavra, do género «look!», e eu perceber exactamente o que ele quer da próxima cena. E a beleza desse sentimento de familiaridade que David cria está em todos — fotografia, técnicos, actores — sabermos e termos a mesma visão do que se pretende. Isso torna tudo muito mais fácil, pois tem de se explicar e falar muito menos. E penso que isso terá um seguimento.

**Como foi contracenar com a sua própria mãe, Diane Ladd? Não é a primeira vez...**

Foi magnífico, foi mesmo! Funcionou realmente como se fosse a primeira vez, pois quando estive no mesmo plateau que ela, eu era muito pequena. E ela é espantosa, não é espantosa ela?

**E!**  
É uma das maiores atrizes que conheço e, como filha, ter uma experiência destas é absolutamente emocionante, comovente, e obriga a uma grande exposição do nosso amor mútuo. É claro que no fundo não podemos relacionar-nos como Marietta e Lula, mas ao nível muito simples do amor e da protecção de uma mãe por uma filha, houve muitas coisas que nos fizeram recordar e sentir muitas outras. Aprendemos muito acerca uma da outra.

**O seu pai, Bruce Dern, também é actor. E tem um perfil rebelde e perverso algo semelhante ao tom de «Wild At Heart», por coincidência ou talvez não. Como convive com o facto? Tenciona trabalhar com ele?**

Sim, espero consegui-lo no futuro. Quando era miúda incomodava-me muito vê-lo sempre no ecrã como assassino ou louco, agora é claro que não. Sou actriz e sei o que isso significa. Eu sempre quis trabalhar com os meus pais e, neste caso, é como a sensação de ter realizado um sonho, sabe?

**O facto de o personagem dela ser tão ruim não a perturba? Um pouco. Mas, mais do que a mim, perturbou-a a ela que teve de se expor mais que toda a gente. Teve de revelar tanta dor numa**

mulher... Mas conseguiu tomar essa dor muito real ao tentar mostrar o amor que uma mãe sente por uma filha, uma coisa de que ela está mais próxima na realidade. O papel dela é realmente devastador, porque Marietta nem se apercebe do que está a fazer. Está completamente descontrolada. Para mim foi estranho mas engraçado, porque eu fiz o meu filme e ela fez o dela. Estávamos muito separadas e rodámos pouquíssimas cenas juntas. E depois... vimos o filme! E não imaginávamos! Ou seja, ao fim do dia perguntávamos-nos que tal tinha corrido o trabalho, mas eu não sabia que ela tinha estado a esborratar a cara toda nem ela sabia que eu estava a fazer outras coisas. Ambas tínhamos lido o guião, é claro, mas a representação é sempre uma surpresa completamente nova.

**A sua carreira no cinema começou aos nove anos, com «White Lightning», de Joseph Sargent. Em Portugal costumamos dizer que filho de peixe sabe nadar. Nascer no meio foi quanto bastou para decidir ser actriz?**

Bem, foi importante claro, mas não tão óbvio quanto se pensa. A minha mãe não era grande entusiasta da ideia. Preferia que eu fosse advogada ou médica ou qualquer coisa vagamente normal, mas é que... há uma enorme alegria em representar! Ela queria proteger-me de todos esses egos e domínios que, infelizmente, existem de facto neste meio. Mas basicamente deixou-me estudar e perder, durante dois anos, todos os meus fins-de-semana com a «mania». Depois, aos onze anos, decidi mesmo que queria ser actriz, arranjei o meu próprio agente, fui a audições e fiz o meu primeiro filme com essa idade. Era realizado por Adrian Lyne e chamava-se «Foxes». Desde então tenho querido sempre ser actriz.

**De todos os realizadores com quem trabalhou, Scorsese, Arthur Hiller, Bogdanovitch, tem algum favorito?**

David Lynch, obviamente. Ter alguém que confie tanto em nós e em quem confiemos tanto é uma bênção extraordinária. Porque, regra geral, o realizador nunca sabe até que ponto aquilo que a actriz está a expor é verdade, e a actriz nunca sabe o que vai acontecer na montagem ou qual é a visão do realizador. E nós... sabemos. We just know. Soube sempre que este filme seria uma coisa realmente wild at heart.

**Parece-lhe real o mundo torturado em que se movem Sailor e Lula? E o que lhe diz a ideia do final feliz, de saírem indemnes de tudo isso?**

Real sim, não necessariamente realista. O filme é mais a ideia das trevas versus a vida e da repressão versus exposição. O maior dom que Sailor e Lula têm é a sua heróica humanidade. Eles não são perfeitos, nem arquetípicos e por isso pode-se gostar mais deles. Estão longe de ser o perfeito casal jovem apaixonado. E acho que todas as pessoas têm esse lado escuro. Porém, o lado escuro de Lula, por exemplo, é positivo. A sexualidade e o desbragamento dela são coisas com que pode ter prazer e divertir-se e não qualquer coisa que tenha desenvolvido mal, ou de modo sinistro. Mas ao mesmo tempo, e porque os dois estão interessados em descobrir o seu lado escuro, podem viajar através dos outros e das suas perversões e, ainda assim, continuarem vivos e terem um final feliz. Nós na vida podemos e devemos ser idealistas, mas esquecemos quase sempre que o verdadeiro idealismo nasce de ter visto todos os aspectos das pessoas e, mesmo assim, continuar a querer ser idealista. Ser capaz de ver o telejornal, perceber que há muita dor no mundo, que as coisas existem mesmo e há pessoas realmente assim e, perante isso, não ficar derrotado, não deixar de acreditar. Penso que é essa dinâmica que David explora sempre nos seus filmes, o que é fascinante. Trata-se de um verdadeiro caminho de descoberta. Olhar para o nosso próprio ego — e Sailor e Lula ao contrário dos adultos do filme são capazes de o fazer —, sentir-lhe o que tem de obscuro e atemorizante e encontrar esperança.

**Discutiam isso durante as filmagens?**

Muito. Mais do que um emprego, sobretudo eu e Nicolas Cage, queríamos tornarmo-nos pessoas para o filme. Tivemos muita sorte, acho, porque conseguimos atingir o tal clic. Descobrimos que tínhamos muitas ideias e convicções comuns sobre a vida, o mesmo sentido de humor, e isso ajudou-nos muito. Quando encontramos Sailor e Lula percebemos que se tratava de um só nome. E essa foi uma experiência lindíssima. David, Nicolas e eu éramos como uma espécie de trio sempre juntos a conversar e a comentar estes assuntos.

**Foi fácil representar cenas de amor tão intensas?**

Foi muito intenso por um lado e por outro não. David foi tão delicado e protegeu-me tanto que tornou tudo muito fácil para mim. Quero dizer, quando li o guião pareceu-me que havia demasiada exibição. Mas assim que percebi quem era Lula e me tornei nela para o filme, as inibições desapareceram, porque era Lula a fazer amor com Sailor. Nesse aspecto, Nicolas foi também inexecidível, dando sempre todo o tempo de que eu necessitava. Porque o sexo é um factor tão importante no filme, é tão a expressão da juventude, da loucura e da paixão deles que deixou de ser uma questão de sexo, apenas. Estava tão intimamente relacionado com a ideia de «Wild At Heart» que se me tornou fácil, como actriz.

**A banda fetiche de Sailor e Lula existe?**

Sim. Os Powermad são uma banda de speed metal que tem um álbum chamado «Absolute Power» e existem. Durante a rodagem essa era a música. Adorávamo-la! Não é o tipo de música que eu ouviria mas é perfeita para Sailor e Lula. Eu prefiro boas letras, que me emocionem pelo que dizem. Acho Kate Bush um dos grandes génios da música actual e oiço muito jazz e rock'n'roll dos 50's.

**Os seus estudos na Royal Academy Of Dramatic Arts e as suas experiências no teatro («Hamlet, Midsummer Night's Dream») não a motivam para o palco?**

Não muito. A minha casa é o cinema. Cresci entre as câmaras, sinto-me confortável num plateau e gosto da ideia da câmara. Por outro lado, sei que num palco nunca consegui dar-me ao público como o faço num ecrã. É uma coisa frágil, da ordem do comportamental e intangível.

**Laura Dern é wild at heart?**

Oh sim, seguramente. Acho que somos todos um pouco. Somos especialmente wild at heart todos os que fizemos este filme e, curiosamente, só quando acabámos nos demos conta disso. Não se imagina: é-se.

NICOLAS CAGE

# o tresloucado



Pertence ao clã Coppola, mas mudou de nome.

E o ar de louco é mesmo a sério

preferiu Matt Dillon. Contratou-me para fazer o Smokey de «Rumble Fish» e essa foi uma experiência desagradável para mim, porque todos na equipa pensavam isso que você está a dizer. Só depois de me ver trabalhar noutros filmes é que se convenceu e me voltou a chamar.

**Segue algum método para a construção dos seus personagens?**

Não, é como uma segunda natureza minha. É um processo quase físico, natural. Até «Wild at Heart» eu pensava, coreografava de mais os papéis. Aqui não, porque confio inteiramente em David e nestes actores, o que toma tudo mais fácil. É uma espécie de luxo. Eu gosto de coisas ridículas, puxadas até ao absurdo e penso que David também. Era uma situação ideal em que me sentia absolutamente seguro. O mais precioso em Lynch é o seu modo de trabalhar, a atmosfera que deixa todas as portas abertas e nos encoraja a dar o melhor sem inibição. Libertou-me imenso a quantidade de alterações decididas no momento, porque não tinha tempo para pensar demasiado o material. Enquanto normalmente as pessoas se encerram no script, «Wild at Heart» foi fazer nascer um filme diariamente sempre com diálogos novos, o que conservou muita frescura. Foi uma experiência magnífica, mágica. Fez-me gostar muito do meu trabalho, ser actor com prazer, porque trabalhar em cinema pode ser muito duro.

**Como se sente ao interpretar um personagem que abre o filme a matar um homem só com as mãos? Não parece chocar as audiências com tamanha violência?**

Quando, na noite anterior a filmarmos, David me disse: «Nick, amanhã vais matar Bob Ray Lemmon», fiquei um pouco inquieto. Mas quando visionei a cena, com aquela música, fiquei vivamente interessado. Acho que funciona.

**Faz habitualmente personagens excessivos, desequilibrados. Gosta desse tipo de papéis? Como escolhe um papel?**

Gosto do «old style acting» em que gesto e voz são muito importantes. Vampire era o caso de Vampire's Kiss onde usava a insanidade como comportamento. Escolho os papéis um pouco por isso e, actualmente, os scripts não o contemplam muito. Com David posso fazê-lo sem constrangimentos, pois o mundo dele é tão livre que me permite quase tudo. Foi o caso do casaco de pele de serpente. Tinha-o comprado porque achava graça à ideia de o usar. David gostou da ideia e pô-lo no filme, tornando-o muito mais consistente como adereço. Fico feliz com isso. Nem tudo o que faço «is going get out smelling like a rose», e nem todas as experiências vão ser como esta, portanto tenho de ter sempre cuidado. Quanto a Sailor gosto mesmo dele como pessoa, sobretudo aquele gosto de fazer coisas disparatadas. O mais importante nele é a genuína história de amor com Lula. Ele canta «I would beg and steal for your love», e era exactamente o que faria.

**Disse que este filme era uma espécie de «Feticheiro de Oz», sobre a conquista de um lugar onde ninguém nos possa tocar, a nós e ao nosso amor. Sailor, ou Sailor e Lula, são a Judy Garland de «Wild at Heart»?**

Acho que é isso. É difícil separar Sailor e Lula, porque são como uma e mesma pessoa. Tudo o que Sailor faz é para e por causa de Lula. Acho que encontram o tal lugar e fico muito contente com o final feliz. Agrada-me especialmente a ideia de ter sido precisa uma fada boa para me livrar das maldades da bruxa má que era a mãe. Quando aparece a fada boa, eles juntam-se e fico feliz por o terem conseguido. O amor é o drama definitivo, sempre, provocador de imensos sentimentos diferentes. Com «Wild at Heart» pode-se ficar feliz, ciumento, louco, pode-se matar alguém, casar com alguém, e esses sentimentos estão todos no filme. Ah!, e eu gosto de filmes românticos. Quanto ao resto, não sou psicólogo. Quando me perguntam se o filme é David, não sei; como poderia saber? Acho que as pessoas sobreanalizam o filme. Deviam vê-lo apenas. O contrário é destruí-lo um bocadinho.

**Porque é que gosta tanto de relógios?**

Tenho a febre dos relógios. Aquele mecanismo tão complexo, precioso sempre em tensão: se não explode, funciona imperceptivelmente, perfeitamente... E a ideia de todos estarem sincronizados... É fascinante haver uma coisa com uma hora, um segundo, e você ter o mesmo que eu no pulso, já pensou?...

■ Teresa CARMO

■ Teresa CARMO